

Apresentação

O lugar do sujeito na poesia brasileira contemporânea

Os processos de (re)configuração do sujeito na poesia brasileira contemporânea resultam de uma longa história forjada no entrecruzamento dos esforços de criação e de crítica que ajudaram a formar modos variados de ler poesia ao longo do tempo. Tanto do ponto de vista crítico, quanto do ponto de vista criativo, é possível reconhecer que os modos de enfrentamento do lugar do sujeito no poema dependem de uma série de elementos constitutivos do próprio poema, a saber: seu gênero poético, sua forma, suas escolhas temáticas, e dependem também do que é representado e de como isso é elaborado. Podemos dizer, ainda, de uma forma um pouco mais categórica, que são os fatores críticos e criativos de composição do poema que nos levam ao reconhecimento e à compreensão do sujeito do poema.

O que se observa no cenário atual são soluções críticas diferentes daquelas que, décadas atrás, buscavam inserir a poesia mais recente em movimentos cujo significado já estava posto previamente e que, muitas vezes, circunscreviam o sentido das obras individuais e dos conjuntos de textos a um princípio de legibilidade homogêneo, geralmente ligado ao projeto modernista mais proeminente. Vertentes críticas mais recentes despontaram como caminhos teóricos importantes para a compreensão da poesia brasileira contemporânea de modo a reavaliar maneiras de se interpretarem suas formas.

Desde a localização do fenômeno da “pluralidade das poéticas possíveis”, para dizer com o Haroldo de Campos (1997, p. 268), o “poema pós-utópico” se coloca como um eixo norteador para o entendimento das dinâmicas da criação literária no país no período recente. A máquina de pensamento crítico haroldiano (re)coloca as zonas de legibilidade da poesia brasileira recente no horizonte das tensões entre temporalidades distintas, como é o caso dos processos de sobrevivência dos princípios estéticos da modernidade na contemporaneidade.

Ainda que a criação e a crítica de poesia contemporânea brasileira estejam, para falar com Marcos Siscar (2016, p. 30), envolvidas pela questão aparentemente inesgotável das vanguardas (e seus circuitos fechados de leitura e validação de textos), têm se desenvolvido propostas de compreensão do período que apontam para outros agenciamentos, como é o caso de se observar novos sujeitos sociais e novos sujeitos poéticos às voltas com a tradição, seja de modo a perceber a resistência de certos elementos da modernidade na poesia contemporânea, seja tensionando a tradição como forma de abrir-se para a fricção poética e crítica.

Autores como Marcos Siscar (2016), Célia Pedrosa (2014) e Viviana Bosi (2021), por exemplo, procuram ver na poesia moderna e contemporânea (não só do Brasil, em alguns casos, mas a partir de uma zona de interesse nacional) a persistência de contradições sociais sedimentadas na linguagem poética mais recente, dos anos 1990 e da década inicial do novo milênio. O campo teórico mais amplo, do qual nossa leitura também se serve e toma como ponto de partida, diz respeito a uma constante reconfiguração do sujeito lírico, marca profunda de uma das linhas de força mais significativas da poesia brasileira contemporânea, qual seja, a expansão dos limites entre os tempos da lírica moderna e contemporânea.

Em todos esses casos, o que se nota é uma atualização da pluralidade das poéticas possíveis, uma vez que os problemas teóricos em torno das novas condições de subjetividade na poesia não podem encerrar um conjunto unitário e homogêneo, tampouco configurar-se em movimentos coesos de expressividade literária. Trata-se, ao contrário, de um modo de direcionamento de leitura que insiste em observar cada poética em suas diferenças, e, ao mesmo tempo, como cada poética individual trava seus diálogos com a tradição.

Cabe anotar, ainda, que os modos de posicionamento do sujeito na poesia brasileira contemporânea acenam para uma abertura de estudos que, se de todo não é uma novidade, ao menos dá notas de uma renovação no modo de se ler o poema. Trata-se, nesse sentido, de perceber que a posicionalidade do sujeito está implicada na condição relacional do poema, gesto crítico que se mostra como um esforço de resistência ao que se costuma assumir como o mais convencional na leitura de poesia.

Rancière, quando se propõe a pensar os diferentes modos como os regimes estéticos da arte se opuseram à lógica imitativa da arte, isto é, “uma antiga medida do poema segundo um esquema de causalidade ideal – encadeamento pela necessidade ou pela verossimilhança – era também uma certa forma de inteligibilidade das ações humanas”, elabora a noção de “frase-imagem” que significa, segundo o próprio autor, “medida contraditória” (Rancière, 2017, p. 49). A partir dessa leitura de Rancière, as balizas que circunscreviam a criação poética em torno de uma medida comum passam a ruir quando o poema deixa de ser um espaço autônomo, o qual, por sua vez, enclausura a linguagem.

A cartografia poética contemporânea, ao contrário, funciona em outro ritmo a partir do qual o poético se apresenta contra toda pureza epistêmica. Este modo de olhar para os sujeitos do poema toma como base a ideia de que o “eu” está em constante deslocamento. Em termos de uma política da escrita poética, trata-se do imperativo lançado por Jacques Rancière no que diz respeito à necessidade de uma “emancipação do sujeito lírico” (Rancière, 2017, p. 118), e, conseqüentemente, acrescentaríamos, do próprio poema.

O caráter emancipatório do sujeito nos lança, a cada vez, à condição do possível imaginável da poesia. Trata-se de um gesto crítico que segue pela via do caráter indizível do poema, pela leitura do que é impensável e inimaginável. O sujeito, portanto, funciona como uma

rasura que sobrevive de um território incompleto, resgatado, fragmentário. Localizar o lugar do sujeito na poesia sugere que devemos olhar para aquilo que restou.

Na obra *A voz e o Fenômeno*, Jacques Derrida (1973) expressa uma de suas maiores ambições, o desmonte da perspectiva da presença pura, desde um diálogo travado com a filosofia husserliana. Tal esforço, que foi chamado por Derrida de metafísica da presença, liberta os fenômenos da pretensão humana de tornar as subjetividades algo objetivizável. O gesto crítico derridiano aponta para uma filosofia da imaginação, de uma abertura para o tornar-se (outra) coisa, algo que se possa perceber na textualidade, na necessidade interna de idas e vindas, explorações e retomadas. Não basta, a partir dali, apenas observar os fenômenos e enunciar os seus núcleos, como se confirmando a exatidão de uma consciência (a)histórica. O lugar do sujeito na poesia se dá desde seu caráter relacional, por assim dizer, dimensão ética por excelência que entrelaça a consciência e a sua observação nos jogos do dar e receber na linguagem.

Em tempos de recrudescimento das fronteiras, tempos de guerras e genocídios, ou seja, de agudização da perplexidade e do horror, a poesia assume mais uma vez o papel de (re) nomear o mundo por meio da insurgência da linguagem (Berardi, 2020). Com isso, as múltiplas formas poéticas de hoje trazem sujeitos reconfigurados, mutilados, porosos, dissolutos, beligerantes, étnicos, em fluxos de alteridades as mais variadas, abertos ao inumano e expostos ainda uma vez à errância para romper a anestesia que as variadas necropolíticas impõem.

No entanto, esse reconhecimento ético não nos leva a pautas pré-estabelecidas que, ao fim e ao cabo, chegam feito mercadorias editoriais que pouco complexificam as faturas estéticas e o próprio criticismo que também deve estar sujeito à errância mais do que submetido a um roteiro de pautas fixas.

Dito isto, reunimos neste dossiê textos que analisam a cena da poesia brasileira contemporânea de diferentes modos e sob variadas perspectivas teóricas. O artigo de Sandra Stroparo, “Da dessubjetivação ao sujeito poético contemporâneo”, apresenta uma leitura crítica sobre a representação da voz do sujeito literário entre o Romantismo e o momento atual. Passando por diferentes proposições críticas, criativas e teóricas, o texto de Stroparo se interroga como o lugar do sujeito lírico passou por variações ao longo das diferentes propostas teóricas que envolvem modos de permanência e ruptura entre os traços das poéticas da modernidade e da contemporaneidade. Na esteira do texto de Stroparo, o ensaio “Os *polyt(r)opoi* do discurso: sobre o lugar, o lastro e a dobra na linguagem contemporânea”, de Alexandre Nodari, toma como ponto de partida a noção de perda do lastro discursivo e da multissitucionalidade para propor hipóteses em torno da linguagem contemporânea.

Os artigos “Deslocamentos do espaço na poesia de Ana Martins Marques e os processos de reconfiguração do sujeito lírico”, de Paulo Benites e Clara Martins, “Um sujeito lírico ‘fora de si’? Entrelaçamento do ‘nós’ no poema ‘Para a menina’, de Conceição Evaristo”, de autoria de Tito Matias-Ferreira Júnior e Gisana Karen Araújo Costa Lira, e “Imposturas do poema: Alice Vieira e Ismar Tirelli Neto”, de Carolina Anglada, abordam a poética contemporânea naquilo que encenam de projeções de expansão dos modos como o poema se constrói. Os textos partem das proposições teóricas que vêm questionando os sentidos e os limites da noção tradicional de literatura em geral, e da poesia em particular. Seja debatendo e apresentando conceitos como “literatura expandida”, “escrita fora de si” e “literatura pós-autônoma” como tentativa de experimentação dos desdobramentos teóricos em torno dos regimes de altera-

ção do lirismo na contemporaneidade, seja pensando o poema como forma de impostura do lugar do sujeito, como é o caso de poemas atravessados pelo teor testemunhal.

O Dossiê ainda conta com os textos de André Cechinel, “Escritas da terra em dois poemas”, de Fernanda Vivacqua Boarin, “A insuficiência do eu lírico: um debate ontológico a partir dos cantos marubo, traduzidos por Pedro Cesarino”, e de Julia Veras, “Paulo Henriques Britto: tradutor de si mesmo”, os quais dialogam com proposições teóricas da contemporaneidade advindas das aproximações entre ética, estética e política. Cechinel situa no centro de suas preocupações a crise ambiental contemporânea e os modos como a crítica literária pode formular uma “crítica ambiental” ou “ecocrítica” vinculada à materialidade dos poemas analisados. De modo aproximado, o ensaio de Boarin discute os limites da categoria de “eu lírico” como um conceito seguro para uma aproximação das poéticas ameríndias. O artigo analisa os cantos xamânicos dos Marubo, levando em consideração a tradução realizada por Pedro Cesarino. Por fim, o ensaio de Veras também coloca a tradução como um eixo norteador para a leitura de poema, tomando como enfoque os problemas relacionados aos processos de autotradução e como isso incide em maneiras de pensar a figura do sujeito do poema como simulacro. Os três ensaios contribuem para um campo de interesse teórico na contemporaneidade, qual seja, a dimensão de alteridade implicada em práticas tradutórias e o espaço do poema atravessado por uma poética da relação, marcada pelo entrecruzamento das dimensões éticas e estéticas da poesia.

Por fim, o Dossiê apresenta a entrevista realizada com o poeta, crítico e professor Eduardo Sterzi. Intitulada “Conversa – ‘Experimento e Experiência’” foi realizada por Cristiano de Sales e Paulo Benites. A entrevista tem como objetivo principal oferecer aos leitores a oportunidade de entrar em contato com algumas das inquietações de Sterzi em seu vasto trabalho de experimentação crítica em torno da poesia brasileira contemporânea.

Gostaríamos de agradecer aos autores pelos textos submetidos e por se disponibilizarem a dialogar conosco enriquecendo o debate em torno dos estudos de poesia brasileira contemporânea. Agradecemos também aos colegas da revista “O Eixo e a Roda”, da UFMG, pela colaboração e pelo trabalho dedicado para que este número viesse à público. Agradecemos também todos os pareceristas que colaboraram de modo sério e competente.

Desejamos uma ótima leitura!

Junho 2025

Paulo Benites (UTFPR/UFPR)

Lucía Tennina (UBA)

Prisca Agustoni (UFJF)

Cristiano de Sales (UTFPR)

Referências

BERARDI, Franco. *Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem*. Trad. Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu, 2020.

BOSI, Viviana. *Poesia em risco: itinerários para aportar nos anos 1970 e além*. São Paulo: Editora 34, 2021.

CAMPOS, Haroldo. *O arco-íris branco*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

DERRIDA, Jacques. *Speech and Phenomena and other essays on Husserl's theory of signs*. Trad. David B. Allison. Evanston, IL: Northwestern University Press, 1973.

PEDROSA, Celia. Poesia, Crítica, Endereçamento. In: KIFFER, Ana.; GARRAMUÑO, F. *Expansões contemporâneas: literatura e outras formas*. Belo Horizonte: UFMG, 2014, pp. 69-90.

RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Tradução Raquel Ramallete et al. São Paulo: Editora 34, 2017.

SISCAR, Marcos. *De volta ao fim. O "fim das vanguardas" como questão da poesia contemporânea*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.